



O Infante Dom Henrique e o pensamento estratégico naval português

GM Vítor Gomes de Freitas

A história naval portuguesa muito deve à emblemática figura do Infante Dom Henrique, fundamental para a construção de um pensamento naval português, sendo o principal impulsor do marco histórico conhecido como “Os descobrimentos”, época de grande expansão portuguesa.

O Infante Dom Henrique de Avis, também conhecido como “Infante de Sagres” ou “O Navegador”, nasceu em 4 de março de 1394, na cidade do Porto, em Portugal e faleceu em 13 de novembro de 1460, em Sagres, município de Vila do Bispo, local conhecido pela suposta maior empreitada de Dom Henrique, a “Escola de Sagres”.

Pouco se sabe sobre a vida do Infante ou da “Escola de Sagres”, sendo a maioria dos escritos sobre suas existências fruto de poemas, poesias e cantigas passadas de geração em geração. O que se sabe, no entanto, é a transformação da atividade marítima da Ordem de Cristo, ora puramente militar, em uma atividade científica, explorando novos lugares para, a partir daí, moldar uma nova imagem do mundo.

Sua história com as explorações começa em 1414 quando, aos vinte anos, teria convencido seu pai, João I, então Rei de Portugal, a preparar uma campanha com o objetivo de conquistar Ceuta, cidade islâmica no norte da África, que aconteceria em 21 de agosto do ano seguinte, quando cerca de dezenove a vinte mil cavaleiros e soldados de origem portuguesa, inglesa, galega e biscaína atacam Ceuta, de modo que, além de ser a primeira investida exploratória de Dom Henrique e onde ele efetivamente se torna Cavaleiro em combate, foi a





Infante D. Henrique



primeira possessão portuguesa na África (BRAAMCAMP FREIRE, 1930) e o primeiro passo para o início da era dos descobrimentos portugueses.

A partir de tal conquista, a costa ocidental da África foi ponto importante para as incursões portuguesas em busca de novas rotas e alternativas para contornar o Mediterrâneo. Uma das descobertas dos navegadores naquele momento, na costa africana, foi o local onde o Atlântico “terminava”, o Cabo Bojador, eternizado no poema de Fernando Pessoa, “Mar Português”. Sua ultrapassagem foi um dos marcos mais importantes das navegações portuguesas.

O Cabo do Bojador seria, no entanto, contornado. Em 1434, o navegador Gil Eanes, com ajuda de Dom Henrique, consegue vencer o “mar tenebroso” e inaugura um novo momento para a expansão marítima portuguesa, que logo levaria diversos navegadores a descobrirem ilhas no Atlântico e Pedro Álvares Cabral a atingir a até então desconhecida Ilha de Santa Cruz.

Após a conquista de Ceuta, o Infante Dom Henrique retira-se para Lagos, ao sul de Portugal, onde fixa residência e passa a coordenar as investidas marítimas para o Atlântico, incluindo a citada acima, que iria transpor o Cabo Bojador, por Gil Eanes, e as expedições que povoaram e exploraram locais importantes daquele país como as Ilhas da Madeira e dos Açores (SOUZA, AMARAL, 2015).

Em 1420, D. Henrique foi nomeado administrador da Ordem de Cristo pelo Papa Martinho V, cargo ocupado até 1460, quando faleceu. A Ordem era uma instituição economicamente muito poderosa, herdeira da Ordem do Templo, antiga Ordem das Cruzadas, extinta no século 14. Com os proventos da Ordem, Dom Henrique pôde dar continuidade às expedições para além do Cabo Bojador, mas agora carregando a Cruz de Cristo como símbolo nas velas das embarcações.

Não apenas as velas sofreram mudanças, as embarcações também foram atualizadas: Portugal passou a usar caravelas e suas expedições foram impulsionadas, já que eram embarcações menores, mas rápidas e de mais fácil manobra. Com as caravelas em cena, Cabo Branco e a Baía de Arguim, ambos na Mauritânia, foram descobertos e explorados, sendo Cabo Branco, inclusive, o primeiro entreposto comercial de escravos.

Com a chegada no Rio Senegal, a eventual dobra de Cabo Verde e a visita à Guiné, os limites do deserto do Saara foram todos ultrapassados e Dom Henrique pôde finalmente desviar as rotas do comércio do Saara, avançando com o comércio de maneira mais rápida e eficiente para a costa de Portugal, de tal modo que a entrada de metais preciosos, como ouro, estava tão acelerada que os primeiros cruzados já estavam sendo produzidos (DOMINGUES, 1957).

É notável que aventureiros e navegadores existiam aos montes, especialmente conforme se descobriam riquezas para além das terras portuguesas, mas o grande diferencial da narrativa de Dom Henrique foi a decisão para que o processo de expansão português se desse como uma iniciativa nacional, coordenada pelo príncipe da família real, diferentemente de outros países, em que as “descobertas” eram financiadas por empresas privadas. A imagem do Infante Dom Henrique permitiu, portanto, que “O marco do descobrimento” fosse uma instituição do Estado, duradoura e com método permanente, que tão logo chegaria ao Brasil.

Com o financiamento da Ordem de Cristo, o apoio da família real e o incentivo da alta burguesia portuguesa, o Infante Dom Henrique teria organizado o centro de estudos náuticos, conhecido como a “Escola Naval de Sagres”, até hoje fruto de equívoco, já que o centro não existiu em um espaço físico *per se*, mas sim como uma espécie de filosofia e espírito náutico.

Por não existir enquanto instituição, é difícil precisar quando houve sua fundação. Conta-se, no entanto, que em 1443 Dom Henrique pediu para seu irmão Dom Pedro a posse da região de Sagres, com o objetivo de fundar uma vila para prestar assistência aos navegantes que por ali passassem. Acontecia, no entanto, que na realidade a região de Lagos era o entreposto para os navios que iam para a costa da África e aqueles que avançavam para dentro do Atlântico, de tal modo que os navegantes mais experientes sempre voltavam para ali como “meio de caminho” e local de descanso e assim os ensinamentos adquiridos nas viagens eram repassados em conversas informais com outros navegantes (DE SOUZA, 1953).

Tendo existido ou não, é importante salientar, no entanto, que a ideia e a lógica construída por trás da “Escola de Sagres” era tão boa que, apesar da falta



de comprovação documental, criou-se uma memória afetiva e social. A lenda de tal Escola prosseguiu com os anos e chegou em 1844 com a biografia do Infante Dom Henrique sendo publicada por importante revista nacional, a *Universo Pittoresco Pública*. Na biografia, a “Escola de Sagres” é retratada com louvor e erudição, indicando que nesse local cartas hidrográficas, fabricação de instrumentos náuticos e estudos para aperfeiçoamento da construção naval se passavam (JOÃO, 2005).

Sagres, existindo fisicamente ou não, foi responsável por implementar em Portugal uma forte política de expansão marítima. Esse ímpeto impregnado nos portugueses ávidos pela exploração resultou na chegada de Vasco da Gama em Calicute, nas Índias, em 1498 (PARREIRA et al, 2011).

A participação do Infante Dom Henrique na promoção das viagens expedicionárias é extensa e poderia se estender por todas as páginas deste artigo. Desde o planejamento das investidas, as remodelações estratégicas de curso até o financiamento de tais ações fazem parte da história portuguesa e, além, da história mundial.

Foram os estímulos da “Escola Naval de Sagres” que levaram pesquisadores a aprofundar a pesquisa e o entendimento da importância das tecnologias náuticas, o que permitiu o destacamento dos portugueses nas conquistas além-mar, buscando aperfeiçoar instrumentos ou-



dos homens do mar e daqueles que viriam a fazer dos oceanos a sua casa. O Navegador pouco navegou, mas muito proporcionou para aqueles que navegaram, mesmo após a sua morte. Sua história foi mantida por seu sobrinho-neto, o Rei Dom João II, que manteve vivos os estudos marítimos (SILVA, 2016).

Conclusão

A evolução do pensamento estratégico português passa por diferentes questões e leva, em grande medida, a história nacional como legado, inspiração ou exemplo. A chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, deixa clara nossa vocação marítima e a herança que os homens do mar brasileiros herdariam. Nomes como o do Infante Dom Henrique permitiram que a história mundial se construísse e as expansões se tornassem um marco histórico discutido e debatido até os dias atuais, mais de quinhentos anos depois.

É evidente que parte relevante dessa história se perdeu com o tempo, mas para o imaginário social português a figura da “Escola Naval de Sagres” e de seu idealizador, Dom Henrique, tiveram parte relevante para o avanço daquela sociedade e sua projeção mundial com as grandes navegações e as descobertas que estariam por vir. ■



1498: Vasco da Gama chega à Índia

trora básicos para a navegação, como bússolas, quadrantes, astrolábios e cartas; e permitiu que o pensamento de evolução atingisse todas as camadas do sistema naval, impulsionando a busca por melhores embarcações.

Seu legado não ficou cravado na história como uma instituição fixada em terra, mas no imaginário social e, principalmente, na formação acadêmica e profissional

Referências bibliográficas

BRAACAMP FREIRE, Anselmo. Brasões da Sala de Sintra. Livro Primeiro (2ª edição). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. P. 84, 1930.

DE SOUZA, Thomas Oscar Marcondes. Ainda a suposta Escola Naval de Sagres e a náutica portuguesa dos Descobrimentos. **Revista de História**, v. 6, n. 13, p. 181-192, 1953.

DOMINGUES, Mário. **O Infante D. Henrique**. Lisboa: Romano Torres, 1957.

JOÃO, Maria Isabel. “Sagres, lugar mítico da memória”. In **“Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques”**. Lisboa: Universidade Aberta, 2005, p. 409-422.

PARREIRA, et al. Pensamento no Brasil do século XXI: no mar um cenário de oportunidades. **Revista de Villegagnon**, v. 6, n. 6, 2011.

SILVA, Milton da Aparecida et al. **D. Henrique, o navegador (1394-1460): entre a memória e a história**. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, p. 160. 2016.

SOUSA, João Silva de; AMARAL, Manuel. O Infante D. Henrique, 1394-1460: Assinalando os 550 anos de sua morte. **O Portal da História**, 2015. Disponível em: https://www.argnet.pt/portal/artigos/jss_infante.html. Acesso em 24 out 2021.